

A COMPLEXIDADE E OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: AS TERMINOLOGIAS SUBSTANTIVO E ADJETIVO¹

Autor: Antonio Cilírio da Silva Neto (1); Orientador: Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (2)

(1) Doutorando e Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura no programa de Pós Graduação em Letras: PPGL – UFT.

(2) Doutor em Letras Clássicas (Universidade de São Paulo); Pós-Doutor em Língua Portuguesa (Universidade da Beira Interior - Portugal) e em Letras Clássicas (Universidade Federal da Paraíba); Professor no Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL – UFT).

Universidade Federal do Tocantins - UFT. (1) Email: acilirio@bol.com.br. (2) E-mail: luizpeel@uft.edu.br

Resumo: O objetivo deste estudo é refletir sobre a língua e sobre a complexidade explicitada pelo viés da educação e do ensino gramatical, enquanto procedimento normativo básico e elementar. A partir da fala de professores, analisa-se a necessidade, ou não, de se ensinar a teoria gramatical; neste caso, relativa a substantivos e adjetivos. Tem-se, como referencial teórico-metodológico, a teoria da complexidade de Edgar Morin (2008), além de estudos exploratórios e bibliográficos; logo, nosso ponto de partida metodológico não pode ser fechado nem restrito, já que a realidade, tanto teórica quanto prática, que foi pesquisada, é evidentemente complexa no tocante às suas disposições epistemológicas, o que exige uma postura madura e aberta. A triangulação (Flick, 2007), também, faz parte deste trabalho, porque se verifica que, num paradigma complexo, a abordagem indica a combinação de diferentes métodos, grupos de estudo, ambientes locais e temporais, além de perspectivas teóricas distintas no tratamento desse fenômeno.

Palavras-chave: Estudos linguísticos. Ensino de língua materna. Substantivos e adjetivos.

Introdução

Este trabalho apresenta uma reflexão acerca da língua, abordando toda a sua complexidade no tocante ao ensino gramatical; tanto a partir da fala dos professores, para verificar a exposição do ensino dos conteúdos gramaticais, quanto a partir da análise da necessidade, ou não, de se ensinar teoria gramatical, especificamente no que se refere ao ensino de substantivos e adjetivos.

Ato contínuo, na construção das reflexões, tanto teóricas quanto metodológicas, e na compreensão da análise de dados deste trabalho, averiguamos na fala dos docentes o que representa ensinar gramática na escola de ensino fundamental. As informações oriundas dessas fontes foram usadas como forma de compreender melhor alguns aspectos do "estudo da língua", tomados como objetos de análise.

¹ Este é um trabalho curricular que culminou em dissertação de mestrado.

Os participantes da nossa pesquisa foram os professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, de duas escolas da rede municipal de Imperatriz-MA, que constituem o universo desta pesquisa e para os quais foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas.

Desenvolvimento

Ressaltamos que, no estudo e no ensino da língua, a complexidade dos fenômenos linguísticos leva todo pesquisador, que se quer hermeneuta, ao questionamento sobre o porquê e para quê ensinar gramática na escola de ensino fundamental, especificamente no que se refere a substantivos e a adjetivos? Sem abandonar as diversas culturas da escola, sabemos e podemos afirmar que os estudos sistemáticos de conteúdos e saberes técnicos criam a possibilidade de o aluno continuar a aprender sempre, mesmo quando fora da escola. Para Kleiman e Sepulveda, não podemos rejeitar práticas de ensino criativas e profícuas, que estimulem "a brincar com a língua, a aceitar a mudança e a evitar proibições arcaicas" sobre o que, de fato, é a língua; é preciso, destarte, estimular as intuições dos alunos, para que saibam dizer e não apenas falar. Fazendo isso, o professor de português não precisará esconder o que faz (KLEIMAN e SEPULVEDA, 2014, p. 151).

Diante dessas inquietações, as seguintes perguntas foram feitas aos professores, a fim de se traçar perfis característicos do posicionamento do educador, o que foi muito útil para a análise ao tema proposto; essas questões tratam da necessidade ou não de se ensinar uma teoria gramatical e quando se deve ensinar:

1. Você acha necessário ensinar teoria gramatical, no ensino fundamental I, especificamente substantivos e adjetivos?
2. Quando se deve ensinar essa teoria gramatical?

Diante desses questionamentos, fiamos-nos na teoria da complexidade de Edgar Morin (2008) e nos estudos exploratórios e bibliográficos que nos serviram de apoio nesta pesquisa; logo, nosso ponto de partida metodológico não foi fechado nem restrito, já que a realidade tanto teórica quanto prática que foi pesquisada é evidentemente complexa.

Primeiramente cabe ressaltar que, na gênese da Teoria da Complexidade, a atividade do pensamento, segundo Morin, requer alguns passos – francos, mas determinados: distinção, objetivação, análise e seleção. **Distinção** não no sentido de disjunção, quando se isola e se separa

fenômenos e processos, mas quando se tem objetos e meios que, mesmo sendo distinguidos e opostos, não se separam, complementam-se como "a ordem e a desordem, [...] a unidade e o conflito, a harmonia e a discórdia, a autonomia e a dependência, o objeto e o sujeito" (PADERES, RODRIGUES, GIUSTI, 2014, p. 03); **objetivação**, para que o sujeito caracterize o objeto através de traços invariantes ou estáveis, porque o sujeito conhecedor é ele próprio objeto, para que assim e a partir de então, o todo se construa na apreensão das partes e das partes no todo; **análise**, o todo é um fenômeno da complexidade multidimensional da realidade, que é econômica e mítica, política e não política, individual e coletiva; e **seleção**, como conjunto de caracteres essenciais ou pertinentes do objeto; na teoria da complexidade, é o que constitui o nosso *corpus* de trabalho, que Morin chama de *complexus* o que é tecido junto, inseparáveis constitutivos da seleção desse todo (MORIN, 2008).

Após a coleta de dados desta pesquisa, seguiu-se, ainda, a procura das peculiaridades que queríamos descobrir. Dessa forma, coletamos as informações através de pesquisas exploratórias, que, segundo Santos (2002, p. 26), constituem-se como "a primeira aproximação que se faz de um tema", e de pesquisas bibliográficas, das fontes escritas, das quais Gil, relacionando-as, afirma o que segue: "os estudos exploratórios convergem com as pesquisas bibliográficas" (2010, p. 50).

Análise dos dados e discussões

Para muitos estudiosos do fenômeno linguístico, dentre eles Câmara Junior (2011) e Franchi (2013), as atividades linguísticas se dão nas situações cotidianas de comunicação, na família e na comunidade dos alunos, o que pode ser reproduzido na escola se esta se tornar um espaço de interação social, que implique principalmente o diálogo e a contradição; somente assim se cria o "saber linguístico das crianças, dessa 'gramática' que interiorizam no intercâmbio verbal com os adultos e seus colegas" (FRANCHI, 2013, p. 95). Segundo esse autor, não se trata de aprender e/ou apreender uma série de normas gramaticais, mas levar os alunos a diversificarem os recursos expressivos com que falam e escrevem, a operar sobre sua própria linguagem, praticando os fatos gramaticais de sua língua.

O ensino da gramática na educação básica, ensino fundamental, está na produção e compreensão de cada frase que pronunciamos, devemos defendê-la "como o conjunto das regras e princípios de construção e transformação das expressões de uma língua natural que as correlacionam com o seu sentido e possibilitam a interpretação" (FRANCHI, 2013, p. 99).

Perante essas informações apresentamos os resultados da pesquisa através de gráficos, tabelas e análises compreensivas e interpretativas: o quadro relacionado com a primeira pergunta (você acha necessário ensinar teoria gramatical, no ensino fundamental I, especificamente substantivos e adjetivos?) é o seguinte:

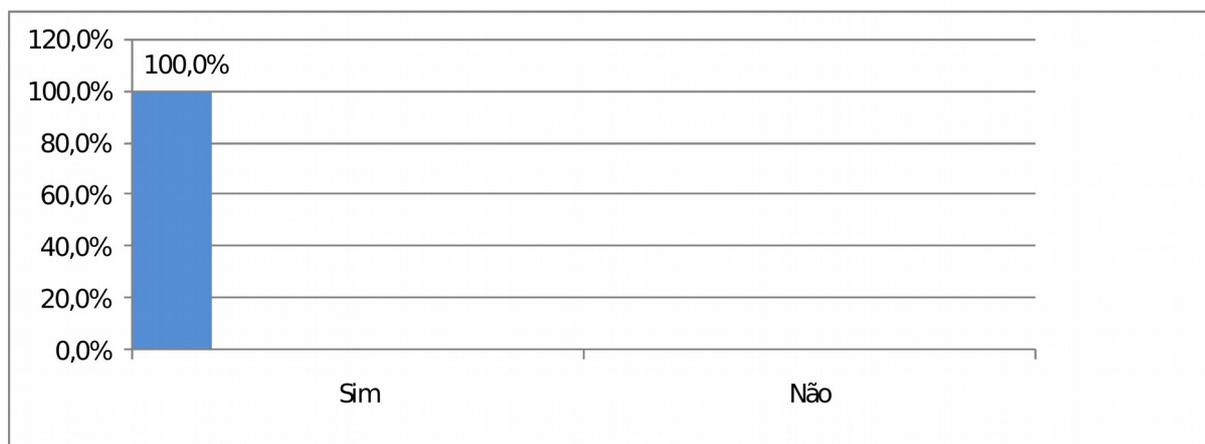


Gráfico 1: Você acha necessário ensinar teoria gramatical, no ensino fundamental, especificamente substantivos e adjetivos?

A representação deste gráfico demonstra que 100% das respostas dos entrevistados foram "sim". Diante das respostas dadas vemos que, para todos, é necessário esse ensino. A partir dessa pergunta, surge a segunda pergunta (quando se deve ensinar essa teoria gramatical?). Vejamos as respostas dos professores, transcritas a seguir, em relação ao ensino de teoria gramatical de acordo com o ano que lecionam no Ensino Fundamental I. Na primeira questão, todos os investigados disseram que sim; para a questão 2, observemos as respostas:

| 2. Quando se deve ensinar essa teoria gramatical (substantivos e adjetivos)? | |
|--|--|
| 1º ano | i) Nas séries iniciais dificilmente poderá ser trabalhado de forma significativa, de forma que nas séries posteriores os alunos devem conhecer gradualmente. ii) No início de sua escolarização. iii) A partir das séries iniciais, do 1º período. |
| 2º ano | i) Desde o 1º ano. ii) No momento em que as crianças ingressam na escola. |
| 3º ano | i) Desde os primeiros anos de vida mesmo sem ter ido à escola. ii) A partir das séries iniciais. iii) Logo que a criança iniciar no 1º ano do Ensino Fundamental. |
| 4º ano | i) Acredito que desde as séries iniciais, do 1º ano. ii) A partir do 1º ano do Ensino Fundamental. iii) A partir do 1º ano do Ensino Fundamental. (4º ano A e B). |
| 5º ano | i) A partir do 1º ano do Ensino Fundamental e adequando ao nível de maturidade dos educandos. ii) Desde a Educação Infantil, pois já se compreende a estrutura e formação das palavras. |

- | |
|--|
| iii) Logo que a criança iniciar no 1º ano do Ensino Fundamental. |
| iv) Deve ensinar desde o 1º ano, que é a alfabetização. |

Tabela 1: Respostas de quando se deve ensinar essa teoria gramatical (substantivos e adjetivos).

De acordo com as respostas dadas observamos que os professores afirmam que seria a partir do 1º ano do ensino fundamental e somente uma professora do 1º ano respondeu que "nas séries iniciais dificilmente poderá ser trabalhado de forma significativa, de forma que nas séries posteriores os alunos devem conhecer gradualmente".

Para Mendonça, o que entra em jogo no ensino de gramática é mais do que uma questão de ordem linguística, e isso se dá porque não há ensino neutro, quando optamos por esta ou aquela metodologia, valores e crenças são acionados, uma vez que a identidade de quem ensina é posta em xeque, porque o "ensinar, o que faz um bom professor de português, como deve ser a aula de português, o que deve avaliar e como etc., interligam-se em concepções teóricas, sejam elas conscientes ou não, e escolhas metodológicas" (2009, p. 220-221).

Segundo Rojo (2011), os alunos devem conhecer conceitos gramaticais bastante sofisticados (derivação de palavras, radical, tempos, modos e pessoa do verbo, classes de palavras) durante todas as séries do ensino fundamental, o que deve ser aprendido por observação, demorando a se estabilizar.

Portanto, a gramática, como arte e ciência, deve ser ensinada de acordo com suas funções, e a educação linguística ajuda o aluno a cumprir plenamente as funções da sua linguagem, como representar o mundo, o pensamento, comunicar e ao mesmo tempo agir e fazendo pensar e agir os outros, e tudo isso com rigor, eficácia e correção e, se possível arte.

Conclusão

Concluimos este estudo com a reflexão de que a língua, a partir da fala dos professores, deve ser analisada constantemente, havendo a necessidade de se ensinar teoria gramatical, neste caso substantivos e adjetivos. Com esse posicionamento nos perguntamos o que ensinar para esse aluno contemporâneo? Rojo (2011) nos responde dizendo que nenhuma escolha é impune ou neutra, que nada em educação é neutro e que nossa tarefa é fazer escolhas e encaminhamentos conscientes. Podemos, dessa forma, restringir o nosso universo de escolha dentre os "ensináveis": será mais importante ensinar agora uma carta de amor? Ou uma carta de leitor? Ou um requerimento? **Ou uma classe de palavras?** (negritos nossos).

O professor deve "explorar a riqueza e a variedade dos recursos linguísticos em atividades de ensino gramatical que se relacionem diretamente com o uso desses mesmos recursos para a produção e compreensão de textos em situações de interação comunicativa" confirma Travaglia (2009, p. 235-236).

Referências

- CAMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo "gramática"?** com Esmeralda Vailati Negrão & Ana Lúcia Müller. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução: Sandra Netz. 2ª edição. Porto Alegre - RS: Bookman, 2004. Reimpressão 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Atlas, 2010.
- IVO, M. J. M. **Os Novos Programas de Português: da gramática ao conhecimento explícito da língua** - análise de um paradigma linguístico. Universidade da Beira Interior: Faculdade de Artes e Letras- Departamento de Letras. Dissertação de Mestrado em Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários. Covilhã - Portugal, 2010.
- KLEIMAN, A. B. e SEPULVEDA, C. **Oficina de Gramática: metalinguagem para principiantes**. Campinas - SP: Pontes Editores, 2014.
- MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: BUNZEN, C. MENDONÇA, M. (orgs). **Português no ensino médio e formação do professor**. 3ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. pp.199-226
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Dulce Matos. 5ª ed. Instituto Piaget, Lisboa-PT: Piaget editora, 2008.
- PADERES, A. M. RODRIGUES, R. de B. GIUSTI, S. R. **Teoria da Complexidade: percursos e desafios para a pesquisa em educação**. Revista de Educação. <http://200.18.45.28/sites/residencia/images/Disciplinas/pesquisa%20metodo%20complexidade.pdf>. acesso: 15/05/2014.
- ROJO, R. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- SANTOS, A. R. dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.